Dia 18 — Santa Clara de Montefalco, Virgem

Santa Clara de Montefalco, de quem publica tantas maravilhas o Martirológio Romano, nasceu em Montefalco, cidade da Úmbria, na Itália, perto de Espoleto, pelos anos de 1275. Seu pai chamou-se Damião e sua mãe Jaqueline, menos distintos por seu nascimento que por sua muita piedade, a qual os moveu a dar a seus filhos uma cristã educação. Tiveram duas filhas: Joana, que passou toda a sua vida fervorosa e santamente numa certa comunidade de donzelas que ela mesma havia formado; e Clara, que foi depois o mais belo ornamento da mesma comunidade. Desde a idade de cinco anos teve uma maravilhosa inclinação à oração, achando nela tanto gosto que ele mesmo dava a entender o verdadeiro princípio daquelas sobrenaturais luzes que já desde então a iluminavam; e, como o dom da oração nunca se separa do espírito de penitência, mal começou Clara a viver quando começou a mortificar-se. Só o ver um crucifixo era para ela como um preceito de contínua mortificação. Mal se poderia crer que uma menina de seis anos tivesse não só valor, mas que lhe viesse sequer ao pensamento macerar seu inocente corpo tanto como macerou o seu nossa santa. Cingia-se toda com uma corda cheia de apertados nós; de sorte que, se não se tivesse acudido a tempo a moderar os excessos de tão industriosa mortificação, teria sido preciso despedaçar com cruéis incisões o delicado corpinho para que não lhe custasse a vida.

Sobressaltado o inferno à vista de tão antecipado fervor, pôs em movimento todas as suas artes para espantá-la e para desalentá-la. Securas, tentações, visões espantosas, de tudo se valeu para sufocar em seu próprio nascimento aqueles afetos de devoção que assombravam os mais perfeitos; mas Clara achava sempre na oração e ao pé do crucifixo luzes para descobrir e armas para vencer todos aqueles artifícios. O que, sobretudo, lhe serviu de escudo e de asilo enquanto duraram aquelas perigosas provas foi a terna e afetuosa devoção à Mãe de Deus. E, como o amor de Jesus Cristo é inseparável de uma viva devoção à Santíssima Virgem, nossa santa havia nascido, por assim dizer, com o amor à Rainha das virgens, o qual se manifestou desde o berço e cada dia foi em aumento até o último instante de sua vida.

Não era para o mundo alma tão privilegiada; e assim só suspirava pelo estado religioso. Foram tantas as instâncias que fez a seus pais para que a deixassem entrar na comunidade de sua irmã que foi preciso ceder a sua inclinação, embora só tivesse seis anos; e foi recebida nela não como educanda, como o pedia sua pouca idade, mas como membro da mesma comunidade, cujas santas leis começou a observar com mais fervor que outra alguma. O gozo de ver-se já admitida entre as esposas de Jesus Cristo inspirou-lhe o desejo de manifestar-lhe seu reconhecimento. Resolveu jejuar oito dias consecutivos e fê-lo com tanto rigor que em todos eles não comeu mais que um pouco de pão seco e uma maçã. Na verdade, sua própria abstinência ordinária e regular parecia coisa de prodígio; mal comia num mês o suficiente para alimentar-se uma semana; e, quando a obediência a obrigava a moderar seus jejuns aos domingos e nas festas principais, todo o regalo se

reduzia a acrescentar ao pão seco algumas ervas silvestres e algumas favas secas, de molho num pouco de água.

Insaciável no ansioso desejo de padecer por Jesus Cristo, acrescentava continuamente a sua abstinência comum espantosas penitências. Nunca usou outra cama que uma tábua ou a nua terra; o chão e as paredes de sua cela, tingidos de seu sangue, davam testemunho da inocente crueldade de suas disciplinas; e um horroroso cilício, de que raras vezes se despojava, era bom testemunho dos excessos de sua mortificação. É verdade que não faltavam consolações a uma alma tão pura e tão penitente. Sua oração era um êxtase contínuo; e, nestes longos e frequentes arroubos, que abundância de celestiais doçuras, que torrente de espirituais delícias não inundaria aquele coração abrasado no fogo do divino amor! Aparecia-lhe frequentemente a Santíssima Virgem, que a olhava como a uma de suas mais amadas filhas. Apresentou-lhe um dia a seu divino Filho em figura de um formosíssimo menino; e achou-se então a santa tão extraordinariamente acesa no amor do Filho e da Mãe que, sem milagre, não poderia sobreviver a tão insigne favor.

Sua irmã Joana, que com tanto zelo e com tanta prudência governava aquela comunidade, vendo que a cada dia se ia aumentando o número de suas filhas, determinou edificar outro mosteiro mais capaz sobre uma colina, num sítio que a aparição de uma milagrosa cruz parecia ter assinalado para o novo convento. Vencidos felizmente todos os estorvos e dificuldades que se opuseram a seu piedoso intento, trasladou a ele todas as suas filhas e, tendo suplicado ao bispo de Espoleto, diocesano seu, que lhes desse alguma regra, receberam a de Santo Agostinho e, feitos os votos nas mãos do mesmo bispo, formaram desde então uma nova comunidade religiosa. Os gastos da fábrica haviam reduzido a comunidade à precisão de recorrer às esmolas dos fiéis para manter-se; e, como toda a ambição de Clara era pelos ofícios mais humildes e mais penosos, deram-lhe o de esmoler. Exercitava-se nele sua modéstia mais que sua língua: aquela pedia e esta calava. Nunca levantou o véu nem entrou jamais em casa alguma; encostava-se à porta e ali ficava como se estivesse em oração. Sendo o ofício tão distraído e tão penoso, não foi capaz de distraí-la um só momento nem de obrigá-la a moderar sua abstinência. Quando voltava a casa quebrantada das fadigas do dia, seu descanso era entrar no coro e passar de ordinário em oração toda a noite. Temendo a prelada que um ofício tão trabalhoso arruinasse a débil e delicada saúde de nossa santa, exonerou-a dele; mas depressa achou Clara o segredo de compensar esta indulgência com novas mortificações.

Considerava seu corpo como uma vítima que todos os dias queria sacrificar à divina justiça pelos pecados que se cometiam, e tomou a resolução de nunca aliviá-lo do cilício senão para despedaçá-lo com ensanguentadas disciplinas. Na exata observância das regras chegou ao ponto aonde era dificultoso passar. Pareceu-lhe um dia que havia quebrantado a regra do silêncio por ter dito algumas palavras que pôde escusar, e em penitência condenou-se a rezar cem vezes o Pai-nosso com os pés descalços sobre água gelada. Disse-lhe um dia sua irmã e superiora que, quando falasse com seu próprio irmão, não havia inconveniente em que levantasse o véu; ao que respondeu a santa: «Pois só se fala com a língua, permiti-me que tenha cobertos os olhos e o rosto.» Seu profundo recolhimento era efeito de sua íntima união com Deus. A matéria contínua de sua oração era a paixão de Jesus Cristo. «Quem vê a Jesus Cristo cravado numa cruz (dizia a santa), como pode pensar em outra coisa?»

Na comunhão saboreava tantas delícias espirituais que eram para ela como precursoras dos gozos da glória. Chamavam-na o serafim em carne mortal. Seu ar, sua modéstia, suas conversações e até seu próprio silêncio, tudo inspirava aquele fogo do divino amor que abrasava e consumia sua alma. A este inflamado amor de Deus correspondia sua ardente caridade com suas irmãs e com o próximo. Qualquer ofício penoso do mosteiro lhe parecia muito superior às forças de suas irmãs e todos juntos os julgava muito inferiores às suas. Queria carregar com todos, à força de seu grande coração e de seu valor, e com efeito ela servia a todos os mais trabalhosos; para os mais baixos e mais humildes dizia sempre que tinha especial talento; e não lhe podiam dar maior gosto que carregá-la bem deste gênero de ofícios.

Morreu sua irmã com a morte dos justos, como o soube Clara por divina revelação, e de unânime consentimento foi nomeada superiora. Era a humildade sua amada virtude, e sobressaltou-se estranhamente com aquela eleição. Em vão acrescentou as lágrimas aos rogos; em vão representou sua idade, suas imaginárias imperfeições, sua pouca saúde; não se deu ouvidos a sua invencível repugnância. Só a consolou o pensamento de que já teria liberdade para escolher o mais abatido da casa e de que nenhuma poderia pôr limites a suas penitências.

Uma superiora de tão eminente santidade depressa comunicou o fervor e a perfeição a todas as suas súditas; seus exemplos eram regra viva, e seu valimento junto a Deus, fecundo manancial de bênçãos para toda a casa. Acharam-se sem pão as monjas numa carestia universal que afligiu o povo de Montefalco; recorreu a Deus nossa santa e, logo que acabou sua oração, chegaram à porta do convento dois anjos em figura de dois galhardos mancebos, carregado cada um com um cesto cheio de pão; milagroso socorro que se continuou todo o tempo que durou a carestia.

Embora estivesse ainda em seu primitivo fervor aquela recente comunidade, não obstante, a nova superiora dispôs algumas regras que aperfeiçoaram maravilhosamente aquele novo instituto, fazendo do mosteiro de Montefalco modelo cabal de comunidades religiosas. Reformou os locutórios, convertendo-os em oratórios, e desterrou-se deles toda visita e toda conversação secular. As religiosas não se deixavam ver dos de fora. A conversação havia de ser de Deus; e, para que mesmo isso durasse pouco, estavam numa postura incômoda e penosa. No interior do convento só se viam imagens ou instrumentos da paixão de Cristo. Resplandecia em tudo a pobreza, e, embora o convento tivesse suas rendas, todas as monjas eram extremamente pobres.

À vista de tão santa e fervorosa superiora não era fácil dar lugar à imperfeição e à tibieza; seus exemplos, suas palavras e seus milagres inspiravam em todas os desejos da mais alta perfeição. Sua caridade prevenia até as mais mínimas necessidades e pegava seu fervor às mais tíbias. Cativava as enfermas a frequência com que as visitava e o amor com que de dia e de noite as servia. Vendo em certa ocasião curar uma chaga que causava horror, desmaiou; voltou a si e, condenando sua pouca valentia e sua demasiada delicadeza para vencê-la, resolveu curar por sua própria mão a paciente; fê-lo, beijou a chaga e desde então não voltou a sentir mais repugnância. Suas palavras eram tão poderosas como suas obras, e não havia resistência à eficácia de suas orações. Por raro pecador pediu a Deus que não se convertesse. Abrasado todo o país nas rixas e discórdias que sobrevieram entre os vizinhos de Montefalco e os de Trevi, Florença, Arezzo, Espoleto e Rieti, mal levantou Clara as mãos ao céu quando a eles caíram as armas das suas; e aqueles povos, que ninguém havia podido compor, concordaram em tudo logo que se

encomendaram às orações de nossa santa.

Suas enfermidades quase contínuas, suas vivíssimas dores e suas excessivas penitências a tinham numa perpétua cruz e, com tudo isso, a cada dia estava mais insaciável de mortificações. Movida do ardentíssimo desejo de padecer por amor de Jesus Cristo, pediu a seu divino Esposo a graça de que experimentasse em seu corpo e em sua alma todas as dores e amarguras de sua paixão. Foi ouvida abundantemente. Apareceu-lhe o Salvador com a cruz às costas e deu-lhe parte nas dores que padeceu. Foi tão viva a impressão, e as dores tão veementes, que não lhe era possível resistir-lhes; mas a mesma mão que as comunicou deu-lhe forças milagrosas para que não morresse à violência da dor. Depois que recebeu do céu este insigne favor, teve sempre uma vida penosíssima e extremamente débil. Dizia que era já a escravinha da Santíssima Virgem no monte Calvário, inseparável daquela aflita Mãe dolorosa. Mas nem este foi seu maior martírio.

Falando um dia com suas filhas das celestiais consolações que se experimentam na frequente meditação da paixão de Cristo, uma religiosa jovem lhe disse com ar e em tom um pouco vivo: «Madre, V. R. nos pondera muito as requintadas doçuras e a suavíssima dor que se experimenta nessas meditações do Calvário; mas eu só acho desgostos e securas nessas tristes meditações.» Indignou-se a santa ao ouvir uma vivacidade de tão pouca edificação e, deixando-se levar daquele primeiro movimento, manifestou-lho não sem algum excesso. Castigou Deus bem rigorosamente uma falta tão ligeira. Desde aquele ponto e por espaço de onze anos foi sua oração um contínuo exercício de tormento; acabaram-se os gostos; acabaram-se as visões; acabaram-se as consolações sensíveis; e, por assim dizer, viu-se como entregue à mercê de todo o inferno junto. Daí por diante, tudo foram tentações abomináveis, espantos contínuos, securas, perturbação, inquietações, ímpetos de desespero. Chorava, gemia, dobrava as penitências, clamava por misericórdia; mas o céu parecia de bronze: Deus e a Santíssima Virgem mostravam-se surdos e insensíveis a seus clamores. Por fim, voltou a calma depois de onze anos de purgatório. Aplacado o divino Esposo e dando-se por satisfeito de sua longa e inalterável perseverança, fez-lhe ouvir sua voz, consolou-a e restituiu-lhe com cem dobradas usuras seus antigos favores. Dali em diante tudo foram êxtases, visões e consolações celestiais. Numa daquelas visões extraordinárias, disse-lhe Jesus Cristo que, em sinal de quão agradável lhe era a terna devoção que professava a sua paixão, queria gravar em seu coração todos os instrumentos dela. Desde aquele instante sentiu nele continuamente todas as dores que correspondiam a cada um. Descobriu em confiança a algumas de suas filhas e a seu confessor esta mercê que lhe havia feito o Senhor; e desde então ficaram persuadidos de que, depois de sua morte, se veriam assinalados estes instrumentos em seu coração.

Favoreceu Jesus Cristo com muitos dons esta sua crucificada esposa. Teve em grau eminente o de profecia e o de milagres. Assegura-se que ressuscitou dois mortos e que deu saúde repentina a muitos enfermos. Canonizaram-na em vida, digamo-lo assim, pois não lhe sabiam dar outro nome que a santa de Montefalco. Concorriam de países muito remotos para encomendar-se a suas orações; e os prelados, os cardeais e os príncipes tinham-se por muito ditosos em merecer-lhe alguma parte em sua memória. Quis, por fim, o Senhor premiar tão santa vida; revelou-lhe num êxtase o dia de sua morte; dispôs-se para ela redobrando seu fervor. Pediu que lhe administrassem os sacramentos, embora não parecesse estar de particular cuidado; e, tendo exortado todas as suas filhas a uma terna devoção a Jesus Cristo crucificado e à Santíssima Virgem, morreu com a

morte dos justos no dia 18 de agosto do ano de 1308, perto dos trinta e três de sua idade, que quase todos os havia passado no mosteiro. Ficou seu rosto mais brilhante e mais aceso, depois de sua morte, do que estava em vida. Quiseram suas filhas absolutamente ver seu coração. Abriram-no e acharam tão perfeitamente gravados os instrumentos da paixão que se julgou muito conveniente manifestar ao público esta maravilha. Deu-se parte ao senhor bispo de Espoleto, que enviou seu provisor a reconhecê-la. Este tratou a princípio o caso de embuste ou de ilusão; mostraram-lhe o santo coração; mas creu que se havia gravado artificiosamente o que se pretendia que passasse por milagroso. Para fazer a prova, mandou que se dividisse o mesmo coração em sua presença, e acharam-se visivelmente gravados os mesmos instrumentos nas duas superfícies interiores. Deu então ordem de que se dividisse em quatro partes, e em cada uma delas se registraram todos igualmente gravados. Fez grande ruído um milagre tão autêntico. Concorreu todo o povo ao convento; fizeram-se-lhe magníficas exéquias e muito desde logo se começou a trabalhar no processo de sua canonização. No ano de 1316, oito depois de sua morte, o papa João XXII expediu duas bulas no princípio de seu pontificado, procedendo nelas à cerimônia; e o papa Urbano VIII permitiu a todos os religiosos e religiosas de Santo Agostinho que celebrassem sua festa. O Martirológio Romano fala de nossa santa nestes termos: «Em Montefalco, na Úmbria, Santa Clara, virgem, religiosa da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho.» Veneram-se até hoje com muita devoção os sagrados mistérios da paixão de Jesus Cristo que este se dignou gravar em seu coração.

Martirológio Romano

Na Palestina, a festa de Santo Agapito, mártir, que, abrasado em amor divino na tenra idade de quinze anos, foi preso por ordem do imperador Aureliano. Desde logo foi desapiedadamente açoitado longo tempo com umas varas; depois padeceu suplícios ainda mais cruéis sob o prefeito Antíoco; por último, tendo sido lançado aos leões por mandado do imperador, como não recebesse nenhum mal dos animais, caiu sob o cutelo do algoz, que lhe lavrou a coroa.

Em Roma, São João e São Crispo, presbíteros, que, durante a perseguição de Diocleciano, enterraram com a maior solicitude os corpos de muitos santos, por cujos méritos, tendo sido associados a eles com o tempo, se fizeram dignos da glória eterna.

No mesmo lugar, São Hermes, São Serapião e São Polieno, mártires, que, arrastados por lugares estreitos e escabrosos, entregaram a alma a Deus.

Na Ilíria, São Floro e São Lauro, pedreiros de profissão, mártires, que, depois do martírio de seus mestres Próculo e Máximo, padeceram muitos tormentos e foram lançados, por ordem do presidente Licínio, num poço muito fundo.

Em Mira, na Lícia, São Leão e Santa Juliana, mártires.

Em Roma, na via Labicana, Santa Helena, mãe do piedosíssimo imperador Constantino, o Grande, o primeiro que deu aos príncipes o exemplo de defender e propagar a Igreja.

Em Montefalco, na Úmbria, Santa Clara, virgem, religiosa da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, em cujo coração se veneram com a maior devoção os mistérios renovados da paixão de Nosso Senhor.

Em Metz, São Firmino, bispo e confessor.

Em Poitiers, Santo Agon, bispo de outra sé. Havia naquela cidade uma igreja de seu nome.

Em Paris, a recepção da santa Coroa de espinhos de Nosso Senhor.

Perto de Útica, na África, o natalício dos trezentos mártires conhecidos com o nome da Massa Cândida.

No Ponto, São Pôntimo, Santa Helena e Santa Marciana, virgens, Santa Pilência e Santa Lância, todos mártires, mencionados no martirológio de São Jerônimo.

Em Pérgamo, São Projecto, diácono, mártir.

Na Irlanda, Santo Dageo, fundidor de sinos, e depois bispo de Iniscoindega, em Ulster.

Missa (oração)

A missa é da oitava da Assunção, e a oração em honra de Santa Clara é a seguinte.

> **Latim:** *Exaudi nos, Deus salutaris noster; ut, sicut de beatæ Claræ virginis tuæ festivitate gaudemus, ita piæ devotionis erudiamur affectu. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ouvi-nos, ó Deus Salvador nosso, e fazei que, assim como a festa de vossa virgem, a bem-aventurada Clara, nos dá matéria de alegria, assim também recebamos o fervor de uma santa devoção. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 24 do livro do Eclesiástico (o original diz «Sabedoria»), e a mesma do dia XV, pág. 325.

Eclesiástico 24,11-20

>

> **Latim:** [11] et omnium excellentium et humilium corda virtute calcavi. Et in his omnibus requiem quæsivi, et in hæreditate Domini morabor. [12] Tunc præcepit, et dixit mihi Creator omnium : et qui creavit me, requievit in tabernaculo meo. [13] Et dixit mihi : In Jacob inhabita, et in Israël hæreditare, et in electis meis mitte radices. [14] Ab initio et ante sæcula creata sum, et usque ad futurum sæculum non desinam : et in habitatione sancta coram ipso ministravi. [15] Et sic in Sion firmata sum, et in civitate sanctificata similiter requievi, et in Jerusalem potestas mea. [16] Et radicavi in populo honorificato, et in parte Dei mei hæreditas illius, et in plenitudine sanctorum detentio mea. [17] Quasi cedrus exaltata sum in Libano, et quasi cypressus in monte Sion : [18] quasi palma exaltata sum in Cades, et quasi plantatio rosæ in Jericho : [19] quasi oliva speciosa in campis, et quasi platanus exaltata sum juxta aquam in plateis. [20] Sicut cinnamomum et balsamum aromatizans odorem dedi ; quasi myrrha electa dedi suavitatem odoris :

Português: [11] E pisei com o meu poder os corações de todos os grandes e pequenos: E em todos êstes busquei o descanso, e assentarei a minha morada na herança do Senhor. [12] Então o Criador do Universo me deu os seus preceitos, e me falou: E aquêle que me criou, descansou no meu tabernáculo, [13] e me disse: Habita em Jacó, e possui a tua herança em Israel, e lança raízes nos meus escolhidos. [14] Eu fui criada desde o princípio, e antes dos séculos, e não deixarei de ser em toda a sucessão das idades, e exercitei diante dêle o meu ministério na morada santa. [15] E fui assim firmada em Sião, e repousei igualmente na cidade santificada, e em Jerusalém está o meu poder. [16] E me vim a arraigar num povo honrado, e nesta porção do meu Deus que é a sua herança, e na plenitude dos santos, onde se acha a minha assistência. [17] Crescendo me elevei como cedro no Líbano, e como cipreste no monte Sião: [18] Eu lancei em alto os meus ramos, como a palmeira em Cades, e como às plantas das rosas em Jericó: [19] Eu me elevei como uma formosa oliveira nos campos, e como o plátano nas praças à borda dágua. [20] Difundi um cheiro como o cinamomo, e o bálsamo aromático, espalhei como mirra escolhida suavidade de cheiro.

Nota

«O livro do Eclesiástico, de onde se tirou esta epístola, é, como já se disse, um compêndio de todos os livros de Salomão; e por isso lhe dá a Igreja o nome de Sabedoria, cujo elogio se faz neste capítulo. Nele descreve o autor sua origem e seus admiráveis efeitos; e é claro que o Espírito Santo que o inspirava tinha na ideia o retrato da Santíssima Virgem, mãe do Verbo encarnado, que é só a verdadeira sabedoria.»

Reflexões

O Senhor me disse: Habita em Jacó; seja tua herança Israel, e lança raízes em meus escolhidos. Seria desacerto buscar verdadeiros devotos da Santíssima Virgem em outra parte que entre os escolhidos de Deus; eles são herança da Mãe, visto que o são do Filho. Com os outros só está, por assim dizer, de passagem; mas entre os predestinados vive de assento. Eles são seus filhos, e ela é sua mãe, e este é o princípio de sua verdadeira devoção. De onde nasce aquela aversão, aquele desvio, ou ao menos aquela indiferença com que todos os hereges olham a Santíssima Virgem? Nenhum há que não se tenha declarado contra ela; nenhum que não qualifique de indiscreta a devoção de seus filhos; nenhum que não procure desterrar, ou ao menos diminuir, seu culto; nenhum que não condene a ardente, a afetuosa, a reverente devoção que os fiéis lhe professam. Tudo isto nasce do que canta a Igreja: que a Virgem foi sempre e sempre será o escolho contra o qual se despedaçaram todos os erros; e ela só triunfou de todas as heresias. Mal se levantou alguma no cristianismo que não a tivesse atacado; mas nenhuma houve que a Senhora não tivesse confundido: *Cunctas hæreses sola interemisti in universo mundo*, diz Santo Agostinho, e com ele a Igreja toda. Este é efeito daquela mortal inimizade que predisse Deus que havia de pôr eternamente entre a mulher e a serpente; e, porque aquela esmagou a esta a cabeça, esta procura mordê-la no calcanhar: *Ipsa conteret caput tuum, et tu insidiaberis calcaneo ejus.* Esta é a verdadeira causa que pôs, e porá sempre, de mau humor contra a Santíssima Virgem todos aqueles em quem o demônio tem alguma autoridade. Mas essa mesma é a que alenta a confiança dos verdadeiros fiéis. Depois da vitória que conseguiu do dragão infernal, sendo mãe de nosso Salvador, depois do quase ilimitado poder que se lhe concedeu como a mãe de tal filho, que lhe falta de tudo aquilo que pode fortalecer nossa confiança? Se se quer conseguir a graça; se alguém deseja armar-se de poderosos auxílios, de fortes defensivos contra os perigos; se se aspira a merecer a salvação, acudamos a Maria, invoquemos a Maria, sejamos devotos de Maria. Se estamos obrigados a crer o que crê a Igreja como regra de nossa fé, não o estamos menos a obrar o que obra a Igreja como regra de nossos costumes; pois a Igreja todos os dias dirige muitas orações à Mãe de Deus para implorar sua assistência. Sempre começa e sempre acaba o ofício divino com uma oração particular à Santíssima Virgem. Continuamente temos necessidade da graça; pois a Virgem é a mãe dela. A hora mais crítica para nós é a hora da morte, aquele é o momento mais decisivo de nossa sorte eterna; pois a Santíssima Virgem é nele nosso asilo, nossa consolação, nosso amparo e nosso refúgio. Por isso a Igreja incessantemente lhe está pedindo que nos assista agora e na hora de nossa morte: *Nunc, et in hora mortis nostræ.*

Evangelho

O evangelho é do capítulo 10 de São Lucas, e o mesmo do dia XV, pág. 328.

Lucas 10,38-42

> **Latim:** 38 Factum est autem, dum irent, et ipse intravit in quoddam castellum : et mulier quædam, Martha nomine, excepit illum in domum suam, 39 et huic erat soror nomine Maria, quæ etiam sedens secus pedes Domini, audiebat verbum

> illius. [40] Martha autem satagebat circa frequens ministerium : quæ stetit, et ait : Domine, non est tibi curæ quod soror mea reliquit me solam ministrare ? dic ergo illi ut me adjuvet. [41] Et respondens dixit illi Dominus : Martha, Martha, sollicita es, et turbaris erga plurima, [42] porro unum est necessarium. Maria optimam partem elegit, quæ non auferetur ab ea.

Português: [38] E aconteceu, que como fossem de caminho, entrou depois Jesus em huma aldeia: e huma mulher por nome Martha, o hospedou em sua casa: [39] e esta tinha huma irmãa chamada Maria, a qual até sentada aos pés do Senhor, ouvia a sua palavra. [40] Martha porém andava toda affadigada na contínua lida da casa: a qual se apresentou diante de Jesus, e disse: Senhor, a ti não se te dá que minha irmãa me deixasse andar servindo só? dize-lhe pois que me ajuda. [41] E respondendo o Senhor lhe disse: Martha, Martha, tu andas muito inquieta, e te embaraças com o cuidar em muitas cousas. [42] Entretanto só huma cousa he necessaria. Maria escolheu a melhor parte, que lhe não será tirada.

Meditação

A augusta dignidade de Mãe de Deus

Primeiro ponto

Considera que a dignidade de Mãe de Deus, como diz Santo Tomás (1, q. 25), é de certa maneira infinita, incompreensível ao entendimento humano, pois tem por termo a Deus e fica compreendido em seu conceito; porque quem diz mãe diz necessariamente filho; e quem diz Mãe de Deus diz necessariamente um filho que é o próprio Deus. E, como não há entendimento humano que possa compreender a dignidade de Filho de Deus, tampouco o há que possa compreender a de sua divina Mãe. «Concebe (diz São Gregório, *In lib. 1 Reg.*) o que é ser filho de Deus, e então conceberás o que é ser mãe sua. Pela excelência de um chegarás a conhecer a excelência da outra.» «Perguntas-me (diz São Euquério) quem é a mãe; pois pergunta-me antes quem é o filho»: *Quæritis qualis mater? quærite prius qualis filius.* Com efeito, esta é a maior e a mais estreita aliança que uma pura criatura pode contrair com Deus; fora da união hipostática, não é possível conceber outra mais estreita que a de uma mãe com um filho. Por isso disse Alberto Magno que, desde o mesmo instante em que começou a ser Mãe de Deus a Santíssima Virgem, não se pôde unir mais intimamente com Deus, a menos que fosse também Deus ela mesma: *In hac Annuntiatione sanctissima Virgo magis Deo conjungi non potuit, nisi fieret Deus* (Serm. *de Assumpt.*). Por isso mesmo disse Santo Agostinho, ou ao menos seu discípulo São Fulgêncio, que, sendo a carne de Cristo carne de Maria, *caro Christi, caro Mariæ*, em virtude de ter encarnado e nascido de suas entranhas, a Mãe e o Filho eram, por assim dizer, uma mesma coisa: *Unum effecit Matrem et Filium.* Fundado nesta verdade, afirma São Boaventura que a augusta dignidade de Mãe de Deus é como o último esforço do divino poder. «Pode Deus (diz o santo) fazer um mundo maior

que este que fez; criar um céu mais vasto, um sol mais resplandecente, um fogo mais puro, uma terra mais fértil; mas não pode fazer uma mãe mais nobre, mais respeitável, mais excelente, mais augusta, que a Mãe de Deus»: *Majorem matrem quam matrem Dei facere non potest.* Temos feito alguma vez reflexão sobre esta incompreensível dignidade da Santíssima Virgem? «Somente aqueles, diz São Pedro Crisólogo, que não conhecem quem é Deus deixam de admirar com assombro a inefável grandeza de sua mãe»: *Quantus sit Deus ignorat, qui hujus Virginis mentem non stupet, animum non miratur* (Serm. 140). Nisto se fundam os santos padres, particularmente São João Crisóstomo e o bem-aventurado Pedro Damião, para dizer que todo o conjunto do mais elevado, do mais nobre, do mais perfeito que se encontra em todas as puras criaturas juntas, querubins, serafins, primeiras inteligências celestiais, tudo é menos que a Santíssima Virgem, e só é mais que ela o mesmo que a fabricou: *Videbis quidquid majus est, minus esse Virgine; solumque opificem opus istud supergredi* (Serm. *de Nativ.*). «Sim, Virgem santa (exclama Santo Epifânio), tu és superior a tudo o que não é Deus»: *Sola, Deo excepto, cunctis superior existis.* «Nenhuma coisa é igual a ti, Virgem santíssima (prorrompe o devoto Santo Anselmo), nenhuma é comparável contigo. Entre todas as coisas que existem, só Deus está sobre ti, e tu és superior a tudo o que não é Deus»: *Quod supra te, solus Deus; quod infra te, omne quod Deus non est* (*De Concept. Virg.*). Quanta deve ser nossa veneração à Mãe de Deus! Quanto nosso amor, nosso respeito, nossa confiança, nossa devoção, nosso zelo por seu culto!

Segundo ponto

Considera o valimento que esta divina Mãe terá junto a seu divino Filho; quanto será seu poder, sua dignidade, sua excelência e, por conseguinte, qual deve ser nossa confiança em sua intercessão e nosso zelo em venerá-la. Que coisa poderá negar um bom filho a sua querida mãe? Tudo o que é Maria o deve à bondade de Deus; mas Deus, que a elevou à suprema dignidade de mãe sua, não pode resistir a seu rogo. Não, não temamos exceder-nos quando louvamos a Mãe de Deus, dizem os santos; antes podemos estar seguros de que nunca a engrandeceremos dignamente. São João Damasceno desafia os homens e os anjos a que a louvem como merece, estando certo de que em nenhum elogio se podem compreender seus louvores. «Como mãe, diz o santo, deve possuir os bens de seu Filho e, à exceção do culto de latria, que se deve só a Deus, deve ser venerada com certo culto particular, que se refere ao mesmo Deus, visto que só por ser Mãe de Deus se a honra singular e sempre religiosamente»: *Decet Matrem ea quæ Filii sunt possidere, et ab omnibus adorari* (Orat. *de Assumpt.*). «Ó santíssima e sacratíssima Virgem (exclama São Basílio de Selêucia), quem disser de ti todas as coisas mais grandes, as mais magníficas, as mais ilustres e as mais gloriosas que se podem dizer ou imaginar, não se desviará da verdade»: *O ter sacrosancta Virgo! de te qui omnia illustria et gloriosa dixerit, nunquam is quidem a veritatis scopo aberraverit.* Foram até aqui minhas ideias e pensamentos acerca da Santíssima Virgem semelhantes aos dos padres e aos de toda a Igreja? Qual tem sido meu zelo, meu ansioso ardor por render-lhe o culto que lhe é tão devido? Pensei alguma vez que a que é Mãe de Deus quer e se digna de ser também mãe minha? Que honra esta para mim! Que dita! Que posso temer já com semelhante proteção? Por outra parte, que inesgotável fundo, que motivo a uma doce confiança! A Mãe de meu Deus, de meu Redentor, de meu Juiz, do único que é árbitro de minha eterna sorte, é minha querida mãe, a medianeira junto a meu Salvador, a tesoureira do Onipotente, a distribuidora de suas graças; esta me ama com ternura, me protege como a servo

seu, me quer como a filho seu; e não a servirei com zelo e ardor! E não a amarei como a minha dulcíssima mãe! E terei vergonha de vestir sua libré, de ser do número de seus devotos? Envergonhar-me-ei de ser um dos mais zelosos servos de Maria?

Não permita Deus, Virgem santíssima, que jamais mereça eu semelhante repreensão. Desditoso aquele que não vos ama! Quanto a mim, desde este mesmo ponto me obrigo a honrar-vos, a servir-vos com todo o zelo, com todo o ardor, com toda a ternura que me seja possível. Vós sois minha querida mãe, vós sois, depois de Deus, nossa vida, nossa consolação e nossa esperança. Alcançai-me a graça de que eternamente seja do número de vossos verdadeiros servos e de vossos amantes filhos.

Jaculatórias

> *Monstra te esse matrem; sumat per te preces, qui pro nobis natus, tulit esse tuus.* Hino da Igreja.

Mostrai-vos verdadeira mãe minha, e receba por vossa mão nossas orações aquele que por nosso amor quis ser filho vosso.

> *O Domine, quia ego servus tuus, ego servus tuus, et filius ancillæ tuæ.* Sl 115.

Vede, Senhor, que eu sou vosso servo, servo vosso sou, e sou filho de vossa própria serva.

Propósitos

1. Não deve ser puramente especulativo o alto conceito que formamos das grandezas de Maria. Há de ser prático este conhecimento, não nos contentando com que nos inspire certos afetos ociosos, estéreis e mudos. À admiração deve acompanhar o culto. Admiremos embora com assombro as inefáveis grandezas da Virgem; mas acreditem nossas orações, nossa confiança e nossa devoção o muito que a veneramos. Entre as muitas devoções que se podem ter a esta Senhora, uma das mais proveitosas é rezar-lhe todos os dias o saltério que em sua honra compôs São Boaventura. Compõe-se este saltério de cinquenta salmos que, à imitação dos de Davi, dispôs aquele grande doutor e grande santo, com diferentes cânticos, imitando os dos profetas, com um hino que corresponde ao *Te Deum laudamus* e com um símbolo à semelhança do de Santo Atanásio. De tudo isto compôs um ofício repartido por horas para todos os dias da semana, à imitação do ofício divino. Este saltério, distribuído em ofício, acha-se junto num só livro, que procurarás ter para rezá-lo todos os dias, e depressa experimentarás o fruto desta utilíssima devoção.

2. Poucos santos deixaram de compor algumas orações particulares em honra da Santíssima Virgem; procura aprender aquelas que te parecerem mais devotas e torna-as familiares. Santo Efrém compôs e rezava todos os dias a seguinte: «Ó santíssima e puríssima Virgem, mãe de meu Deus, rainha da luz, poderosíssima e cheia de ardentíssima caridade, vós sois mais nobre que todos os espíritos celestiais, mais pura que todos os raios do sol, mais digna de honra que todos os querubins, mais santa que todos os serafins, mais gloriosa sem comparação que todas as hierarquias dos anjos. Ó santíssima Senhora, que fostes a esperança dos antigos patriarcas, a glória dos profetas, o louvor dos apóstolos, a honra dos mártires, a alegria dos confessores e a coroa das virgens, recebei-me e conservai-me debaixo das asas de vossa caridade e à sombra de vossa proteção. Tende piedade de mim, miserável pecador, manchado com inumeráveis culpas, com as quais ofendi a Jesus Cristo, vosso Filho, meu Deus e meu Juiz. Ó Virgem cheia de graça, iluminai meu entendimento, ponde palavras em minha boca, dai movimento a minha língua, para que, com todo o afeto de meu coração, cante vossos louvores e vos saúde com o mesmo respeito e com a mesma devoção devida à Mãe de Deus com que vos saudou o anjo Gabriel quando vos disse: Deus te salve, Maria, cheia de graça, o Senhor é contigo; e vos diga com o mesmo espírito e com a mesma ternura com que vos disse Isabel: Bendita és tu entre todas as mulheres.»

Revision #1
Created 20 November 2026 20:51:35 by Admin
Updated 20 November 2026 20:51:35 by Admin